

Carta semanal 21 (2018): Por onde você recebe suas notícias?



Queridos amigos e amigas,

Saudações do [Instituto Tricontinental de Pesquisa Social](#).

O presidente dos EUA, Donald Trump, se encontrou com o presidente russo, Vladimir Putin. Por duas vezes, em dois dias, Trump fez declarações à imprensa de que ele mais tarde mudaria. Quando perguntaram a Trump se a Rússia havia se intrometido nas eleições dos EUA, ele respondeu: “Eu não vejo nenhuma razão pela qual ela faria isso”, a Rússia. Mais tarde, ele modificou sua declaração, dizendo que quando ele disse “faria”, ele quis dizer “não faria”. Isso e a outra correção igualmente estranha sugerem uma nova maneira de manter o ciclo de notícias focado nas artimanhas de Trump e no bizarro foco da interferência russa na eleição presidencial dos EUA. Nenhuma menção é feita aqui que os Estados Unidos rotineiramente interferem no processo político de países ao redor do mundo (de golpes diretos contra governos a infusões de dinheiro para aliados dos EUA). Nada é dito sobre os jogos geopolíticos da Eurásia: a expansão da OTAN para a Europa Oriental e Ásia Central, o embargo dos EUA ao Irã e o crescimento da

Iniciativa da nova Roda da Seda da China para a Turquia, bem como a Cordilheira da Pérolas do Mar da China Meridional ao Porto do Sudão. Você quer ler sobre esses desenvolvimentos na Ásia ou sobre os desafios na América do Sul? Onde você encontra?

As grandes corporações dos meios de comunicação, pertencentes a empresas monopolistas e em contato direto com os poderosos, replicam cegamente a ideologia dos dominantes. Ler uma reportagem sobre a Síria em um jornal ocidental, por exemplo, é um exercício de descrença. As fontes são repetitivas – disse um oficial dos EUA, disse um oficial militar dos EUA, segundo uma autoridade militar dos EUA em um país do Oriente Médio. É como se o repórter se tornasse meramente um estenógrafo dos poderosos. No *Frontline*, tenho uma [resenha](#) das memórias de Seymour Hersh sobre ser repórter nos últimos cinquenta anos nos Estados Unidos. Em seu livro, Hersh diz sobre o relato da guerra dos EUA no Vietnã: “Se você apoiasse a guerra, você era objetivo; se você fosse contra, você era um esquerdista e não confiável”.

Hersh estava falando sobre os dias da guerra do Vietnã. As coisas estão mais obscuras agora. Em um novo livro, *Democracia nas Cadeiras*, a historiadora Nancy Maclean conta a história de um projeto diabólico de alguns plutocratas para obter uma vitória total na batalha de idéias. Nancy [conta](#) a P. Ambedkar, do escritório do Instituto Tricontinental em Nova Deli, sobre o plano da direita para controlar o panorama intelectual – não apenas a mídia, mas também as outras indústrias produtoras de cultura (inclusive a academia). Um dos recursos que não deve ser ignorado é o rastro global deste projeto. Nancy nos aponta para o Grupo Atlas, que leva as ideias de “livre empresa” e “liberdade individual” – características clássicas do libertarianismo de direita – em países do mundo todo. Vale a pena visitar o [site](#) do Grupo Atlas e estudar a lista de grupos que estão colocando a democracia nas cadeias. Para ter um breve exemplo do que este projeto tem feito na América Latina, veja a [história](#) de Lee Fang no *The Intercept*.

Então, isso levanta a questão novamente: onde você vai para obter as notícias e análises? Há alguns anos, os movimentos sociais e políticos da América Latina desenvolveram um meio de comunicação chamado *The Dawn*. Hoje, *The Dawn* renasce como o [People’s Dispatch](#). Com sede em Nova Delhi, com correspondentes em todo o mundo – da América do Sul ao Norte da África, da Europa Oriental ao Sudeste da Ásia – o *People’s Dispatch* será tanto um canal de notícias quanto um espaço de análises mais completas dos movimentos e das notícias. Foi lançado hoje, no aniversário de Frantz Fanon – que desempenhou um papel importante como jornalista da Revolução argelina. No site, tenho um [breve](#) ensaio sobre a voz do povo – sobre a necessidade de tal plataforma de mídia. Visite o [People’s Dispatch](#) para ter uma ideia completa do que está disponível lá.

A foto acima é de João Silva, o notável fotojornalista sul-africano nascido em Portugal.



A foto acima é do fotojornalista iraniano Hengameh Golestan. Ela continua sendo uma das melhores crônicas da revolução iraniana, não apenas das manifestações contra o Xá do Irã, mas também das lutas no novo Irã em torno de questões da vida social. Sua série mais cativante é sobre os protestos em torno da lei hijab. No dia 8 de março, dia internacional da mulher, as ruas de Teerã estavam cheias de pessoas que se opunham à lei hijab obrigatória. A Revolução Iraniana, lembrou Golestan, ensinara as pessoas a irem às ruas se quisessem dizer alguma coisa. Mas os manifestantes não conseguiram vencer contra os clérigos. A lei permaneceu. No entanto, a sensibilidade de protesto e possibilidade não desapareceu. Ela se afirma de vez em quando.

O Irã é retratado de maneira a ocultar suas próprias complexidades. Houve melhorias consideráveis nas vidas do povo iraniano desde a derrubada do Xá, mas também limitações significativas. Uma questão que muitas vezes está em negociação é o status das mulheres no Irã. Certamente, o Estado impõe restrições à entrada de mulheres em muitas áreas da vida pública - inclusive nos altos escalões do poder político (as mulheres são rotineiramente desclassificadas da eleição presidencial, bem como a eleição para a Assembleia). Mas, por outro lado, a alfabetização das mulheres é agora universal (no início era 35% em 1976) e a porcentagem de mulheres no emprego tem aumentado constantemente (mais de um terço dos médicos são mulheres, mais de sessenta por cento dos funcionários públicos são mulheres). Os protestos são uma característica constante da vida iraniana - as manifestações em dezembro-janeiro de 2017-18 são um exemplo ilustrativo.

Quanto mais homogêneo for a imagem sobre o Irã, mais fácil será para os Estados Unidos vender a ideia de que políticas como sanções homeopáticas ou um bombardeio podem, de alguma forma, conduzir à emancipação. Esse é o tipo de pensamento que impulsionou a guerra dos EUA contra o Iraque em 2003. É uma visão de mundo messiânica que vê o mundo de alguma forma necessitando de bombas americanas como catalisador de mudanças. Somos levados a acreditar que nenhuma mudança pode vir de dentro de uma sociedade e que apenas a fome artificial (por sanções) ou o bombardeio maciço podem fazer o trabalho. É uma visão perigosa replicada em termos menos sensacionais pela mídia internacional.

Enquanto isso, a ameaça de sanções já começou a prejudicar a economia iraniana. O foco dentro do Irã não está em como efetivamente expandir o reino da liberdade dentro do país, mas em como sobreviver às políticas vingativas do Ocidente. Para ter uma noção das políticas usadas para estrangular o Irã, dê uma olhada no relatório de Paul Cochrane sobre os planos e planos da Força-Tarefa de Ação Financeira com sede em Paris contra o Irã. Uma das demandas feitas ao governo iraniano por essa misteriosa força-tarefa é que faça uma emenda no artigo 154 de sua Constituição (“Embora se abstenha completamente de qualquer tipo de intervenção nos assuntos internos de outras nações, apoia as lutas dos oprimidos por seus direitos contra os opressores em qualquer parte do mundo”). Essa declaração anticolonial genérica – ao longo da resolução 1514 da Assembleia Geral da ONU de 1960 – é uma abominação para essa agência ocidental que tem a capacidade de arruinar a capacidade de funcionamento da economia iraniana.

Claramente, isso é pressão política do pior tipo. E, como mostro em minha [coluna](#) nesta semana, se o governo Trump conseguir novas sanções até 4 de novembro, os preços do petróleo subirão de US \$ 70/barril para US \$ 250/barril com todas as especulações de que uma pequena ou grande guerra contra o Irã possa resultar. Terrível, aterrorizantes possibilidades.



Polarização política parece ser o clima dos nossos tempos. Mas essa polarização não está necessariamente ao longo de linhas que são produtivas – sobre como lidar com os perigos da fome, por exemplo. Eles são mais frequentemente em linhas que são desconcertantes – a questão da interferência russa nas eleições dos EUA, por exemplo.

Em São Paulo (Brasil), o que me impressionou foi que, para os dois lados da divisão política, Lula é o objeto: seja na esquerda, para sua libertação e sua entrada na campanha presidencial, ou à direita, para a manutenção de seu encarceramento e uma negação generalizada para ele voltar a entrar na política eleitoral. Lula é mítico – as esperanças de democracia e o emblema da anti-democracia. Pelo menos no Brasil, diferentemente dos Estados Unidos (interferência russa) ou da Europa (Brexit), a questão de Lula é a questão política central que divide o país. Lula é o campo de batalha de uma luta de classes intensificada. A luta por seu corpo representa a luta sobre quem deveria ter autoridade para dirigir uma agenda sobre o maior país da América Latina. Em minha [reportagem](#) para o *The Hindu*, falei com Neuri Rossetti, do MST e Valter Pomar, do PT, entre outros, para me orientar sobre essa crise das instituições no Brasil e o que isso vai significar para o país nos próximos meses (leia o [dossiê](#) sobre o Brasil no **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**).

Há cerca de vinte e cinco anos, Lula – junto com Fidel Castro – formou o Fórum de São Paulo. Em sua 24ª reunião na semana passada em Havana (Cuba), o fórum reuniu 400 delegados de vários movimentos sociais e políticos. O chefe do fórum – Mônica Valente do Partido dos Trabalhadores do Brasil – expôs as contradições do momento e descreveu honestamente os fracassos da esquerda no período recente. Não é basta atacar, disse ela. Na política, é preciso resistir com

inteligência e determinação.

E temos que ler. Então, vá dar uma olhada no [People's Dispatch](#).

Cordialmente,

Vijay.